IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade
V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade
V Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade

"NOSSOS BRAÇOS CONTAM SOBRE NOSSAS IDENTIDADES": HERANÇAS CORPORAIS E A CRÍTICA DECOLONIAL A BELEZA FEMININA EUROCENTRADA

Eixo Temático REPENSANDO DISSIDÊNCIAS DE GÊNERO NO BRASIL A PARTIR DE UM PARADIGMA COMUNITÁRIO

Rosa da Costa Gato Neta[1]
Paula Rita Bacellar Gonzaga[2]

RESUMO

Fundamentando-se nas perspectivas epistemológicas do Feminismo Decolonial e do Feminismo Negro, esse artigo constroi-se como uma crítica à colonialidade da beleza, especificamente a noção de belo e perfeito criado pela lógica euronortecêntrica, que tem corroborado para a negação do ser, logo a negação das heranças ancestrais que estão presente em nossos corpos, em nossos traços e em nossas identidades Afrodiaspóricas e Indígenas. Os debates que aqui se apresentam fazem parte de uma dissertação de mestrado construída na Universidade Federal de Minas Gerais. A abordagem metodológica investe na produção de narrativas como meio de costurar histórias que se aproximam a partir das convergências de violência produzidas pela colonialidade, bem como pela subversão dos seus pressupostos.

Palavras-chave: Corporalidades Afrodiaspóricas e Indígenas, Feminismo Decolonial, Colonização, Padrão de Beleza, Práticas de Resistências.

[1] Doutoranda em Psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG, psicorosaneta@gmail.com;
[2] Professora do departamento e do programa de pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG, paribago@ufmg.br;

Introdução

Neste texto, apresento a vocês uma tessitura a partir de retalhos de memórias[3] dentre os debates e as narrativas que compuseram a minha dissertação de mestrado[4] no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais. Nesse banzeiro, é importante lembrar que a colonialidade, que perdura ainda hoje, intenta classificar nossos saberes, histórias, línguas, ciências e corporalidades como "exótica" e "selvagem". Tentaram apagar nossas existências com sua falaciosa harmonia das raças, matriz do mito da democracia racial, que colaborou com a ideia do Brasil como um paraíso racial. Tentam até hoje dar continuidade às suas estruturas brancas, com os etnogenocídios, epistemicídios e violações praticados pelos seus (Sueli Carneiro, 2005; Geni Núñez, 2022). Novamente, tentando nos silenciar. Entretanto, o silêncio nunca nos protegeu, somos sementes de Tuíre Kayapó, Honorina Hixkaryana, Neusa Santos Souza, Lélia Gonzalez e tantas outras indígenas e negras mulheres que transformaram o silêncio em ação (Audre Lorde, 2021).

Dito isso, neste trabalho usamos nossas línguas, dedos e canetas para escrever sobre nós, para nós e por nós. Aqui estão nossas corporalidades, nossas histórias e dores, mas também nossas belezas, nossos traços, nossas heranças ancestrais que marcam nossos corpos, curvas, cabelos, olhos, bocas e peitos. Pintamos nosso corpo e cabeça de urucum, jenipapo e dendê, para marcarmos que aqui, desobedecer a norma da beleza colonial é antes de tudo uma tentativa de valorização originária, dos saberes e fazeres que criamos para cuidar de nossos corpos em coletividade, onde o corpo é parte e não centro, como a visão ocidental da colonialidade tentou impor.

Metodologia

A abordagem metodológica nesta pesquisa, investe na produção de narrativas como meio de costurar histórias que se aproximam a partir das convergências de violência produzidas pela colonialidade, bem como pela subversão dos seus pressupostos. Com esse movimento, apostamos em uma pesquisa que aborda as

[3] Retalhos de memórias é uma nomenclatura para falar sobre nossas lembranças e como estão presentes em nossas narrativas.
[4] Disponível em: http://hdl.handle.net/1843/80717

experiências de mulheres como produtoras e ampliadoras de saberes, tendo como inspiração, produções como de Paula Gonzaga (2019); Andreza Silva (2019); Yuderkys Miñoso (2020); Braulina Baniwa, Joziléia Kaingang e Giovana Mandulão (2023), entre outras intelectuais mulheres, que fornecem linhas e retalhos para essa colcha de experiências, criando estratégias de preservação dos saberes ancestrais, assim como, colaboram no fortalecimento das raízes e no rompimento das artimanhas do processo colonial, responsável por trazer consigo a imposição da beleza, na divisão binária entre corpo e mente, construindo-se numa ideia da beleza ligada à brancura (Neusa Souza, 1983; Sabrina Strings, 2019).

Ainda nesse itinerário metodológico contamos com retalhos de memórias de quatro das seis interlocutoras da cidade de Manaus, capital do Amazonas, que participaram da dissertação "Meus braços de tacacazeira: formações identitárias de mulheres gordas da cidade de Manaus", mencionada acima. Ancoramos-nos nas produções metodológica do feminismo decolonial para compreender as experiências, intersecções e significados nos emaranhados dos processos coloniais, assim, "uma proposta feminista decolonial não se limita à análise dessa economia do conhecimento. É preciso fazermos pesquisas, propostas metodológicas e pedagógicas a partir de processos coletivos…" (Ochy Curiel, 2020, p. 143).

Referencial Teórico

A instauração do sistema moderno colonial de gênero (Lugones, 2008) implicou na consolidação de estruturas e projetos opressores responsáveis por experiências de invalidação, desvalorização, vergonha, culpa e silenciamentos que pessoas indígenas e negras foram submetidas, assim, tentaram embranquecer nossas corporalidades, ditando e impondo uma beleza eurocentrada, marcada pelo seu suposto divino e pela ausência de pecados. De tal modo, o mito da beleza não construiu-se no lugar do individual, ele nasce como uma ferramenta de espoliação de nossas subjetividades, nossas histórias e conhecimentos. Essa lógica da beleza ideal, corroborou para percebermos a intrínseca relação entre colonialidade e padrão corporal, beleza feminina e o controle sobre os corpos de mulheres indígenas e negras.

Destarte, ao mesmo tempo que indígenas mulheres eram constantemente silenciadas, invisibilizadas, eram elas que criavam práticas de resistência para permanecer vivo os rituais, as línguas, as tradições dos seus povos, o cuidado com seus corpos, o uso de seus adornos e grafismos.Nossos corpos contam sobre nossas identidades, mas também sobre as histórias que a colonização tentou aniquilar. Braulina Baniwa (2019), nos sinaliza, que a religiosidade foi uma das ferramentas mais violentas da colonialidade, onde a linguagem, saberes, costumes e conhecimentos estavam constantemente sendo considerados ruins.

Nesse mesmo diálogo, Paula Gonzaga (2019) comenta que para o povo negro, o cabelo crespo, armado, presente, é antes de tudo uma coroa que contorna suas cabeças, uma prática de resistência para desmantelar as artimanhas da brancura, afrontando suas regras e marcando suas histórias, além disso, os traços, cabelos e formatos contam sobre suas heranças ancestrais, sobre as memórias vivas que estão em suas corporalidades, habitar seus cabelos é afirmar "sua consciência política com dreadsloks, tranças, black power ´s, rastas e cabelos crespos transmitindo uma mensagem de valorização e fortalecimento racial" (Grada Kilomba, 2019 apud Paula Gonzaga, 2019, p.113)

Destacamos a seguir, a partir dos retalhos de narrativas de mulheres manauaras gordas, sobre como os parâmetros coloniais produziram e seguem produzindo sofrimento psicossocial, mas não anulam a agência e as práticas de resistência que se fazem presente em nossos cotidianos, firmando nossas identidades e reconhecendo a potencialidade de nossas corporalidades, que é antes de tudo um movimento coletivo, afinal, "em diáspora o re-fazer-se, significa re-existir, a partir da possibilidade de sobrevivência ao sistema dominante que individualiza, descaracteriza, proíbe rituais e práticas, relações que fortaleça o viver comunitariamente, mas é essa maneira de viver, comunitária que possibilita a vivência" (Célia Reis da Silva, 2016, p. 475).

Resultados e Discussão

No rompimento com a lógica da beleza eurocentrada, mulheres negras e indígenas narram experiências complexas de sujeição e reencontro com sua ancestralidade. No entrelace entre autoestima e valorização da identidade, existem

retalhos de memórias que constroem e reconstroem seus corpos, redesenham seus modos de subjetivação, redefinem percursos em suas histórias e reposicionam como percebemos a relação entre nossos corpos e nossas identidades étnico-raciais:

> "A questão dos braços né porque eu acho que foi uma das primeiras coisas que me despertou o incômodo do corpo gordo, eu lembro de desde da adolescência não usar blusinha regata e apesar de ser nadadora fazer natação, eu competia, o meu ombro ele ficou largo e logo ele criou as estrias, e não era por causa da questão de estar acima do peso, era porque de fato eu estava fazendo esporte e o esporte aumentava o ombro, então eu passava a usar só roupas cobrindo o braço porque acho que foi o primeiro despertar assim de que isso aqui não é padrão, o meu braço não é parecido com a das minhas amigas. (Alvina, 33 anos, Psicóloga, Negra, Heterossexual)

A percepção de Alvina sobre as mudanças de seu corpo, bem como, dos processos violentos que viveu por conta desse padrão eurocêntrico, lhe informou desse lugar da singularidade dos corpos, dessa estranhamento que é imposto sobre o que é dito como "anormal", "excessivo", "imenso". Assim, o braço não sou ocupou esse lugar do despertar, mas foi ainda, um espaço de Alvina reconhecer sua corporalidade, o tamanho de seus braços contando sobre seu tamanho, suas heranças ancestrais, presente em muitas outras mulheres nortistas, como nos sinaliza Marta:

> "É bem característica na minha percepção de mulheres é do Amazonas essa questão de ter um quadril largo, de ter o braço grosso e tal, sempre percebi assim, a minha mãe assim, por consequência da minha avó teve problema de assumir tudo isso, e naquela região lá onde eu moro que tu viu, a maioria das meninas brincam na rua, as mães, tudo são mulheres grandes. Eu enxergo isso hoje né, nasci em Manaus mesmo, minha vó e minha mãe são do Acre, meu pai é daqui, os pais dele são do Ceará, aí tem essa Acre/Ceará e Amazonas" (Marta, 28 anos, Psicóloga, Branca, Lésbica)

O lugar sinalizado por Marta desse corpo e das marcas territoriais, versam as características que a colonialidade não pôde alcançar, ainda que o processo de embranquecimento, orquestrado pela colonização, tenha tentado aniquilar e apagar os povos indígenas e negros dos territórios brasileiros, as corporalidades contam sobre nossas raízes. Deste modo, a beleza eurocêntrica contribuiu para as violações perpetradas pelo estado brasileiro e sua ânsia pelo desenvolvimento moderno/colonial, contribuiu para que fosse fixada na mente da população um modelo de corpo e de cara, ou seja, essa ferramenta da beleza feminina brancocêntrica tratou de criar categorias de

exclusão a partir das imagens de controle sobre os corpos indígenas e negros, como nos comunica Fátima e Maya:

> "O meu corpo e a minha identidade étnico-racial, é outra questão bem complicada porque quando a gente fala da raça negra a gente quando pensa na mulher negra, na mulher parda, é sempre aquele estereótipo da mulherona, da Iza, Beyoncé, então já da mulher negra e gorda são os outros recortes bem mais pesado e bem mais isolados do mundo e de outras questões como relacionamento e etc". (Fátima, 33 anos, Sommelier de Cerveja, Negra, Heterossexual)

> "Aqui a gente tem que se virar nos 30 mesmo, se a gente não abrir a boca, não abrir a boca pra falar do meu trabalho, a gente não consegue trabalho, a gente não consegue oportunidades, pode ver, é raro uma influencer gorda da mesma, da minha pele parda né, e com traços indígenas, você não vai ver aqui em Manaus, você vê pessoas loiras, brancas, ruivas em outdoor, em propaganda muito raro, muito raro, você não consegue ver esse biotipo em propaganda, em outdoor em shopping muito raro, na verdade nem tem, eu nunca nem vi, assim meu biotipo eu tipo nunca vi, nunca". (Maya, 29 anos, Modelo, Indígena, Heterossexual)

As artimanhas coloniais da noção de beleza ideal, é fortalecido também pelas imagens de controle, impostas sobre essas mulheres negras e indígenas. De acordo com Patrícia Hill Collins (2019) as imagens de controle, estão alocadas em uma perspectiva negativa, criando e fortalecendo estereótipos de controle, oprimindo e violentando suas experiências, corpos e identidades. Nessas imagens, o racismo, o sexismo, a universalização e o classicismo, são latentes e visíveis, causando e corroborando para a permanência de injustiças sociais, como nos sinaliza Fátima e Maya, continuem fazendo parte do imaginário social. Com isso, reconhecer nossas marcas e heranças corporais, faz parte de um processo de retornar e retomar nossas identidades, habitar em nossas memórias e valorizar nossos rituais, artesanías, adornos, grafismos, turbantes, cabelos e nossos traços, para nós, a beleza ancestral é memória viva de corpos afrodiaspóricos e indígenas.

Considerações Finais

Neste texto, buscamos apresentar alguns debates acerca das heranças corporais e como os processos coloniais construíram diversas estratégias de espoliação de nossas existências enquanto pessoas indígenas e negras, bem como, na valorização de nossas

belezas ancestrais que contam sobre nós, sobre nossos povos e sobre nossos territórios. Diferentemente da lógica da brancura e sua individualidade, nas ciências negras e nas ciências indígenas, o corpo é parte e não centro, somos corpo, cabeça e terra, somos coletivo e comunidade, gente humana e gente mais que humana, somos rios, ventanias, encantados, plantas e terra. Como nos lembram Patrícia Ramos[5] e Mari Wapichana[6], é um dom, não é talento, é um dom das mulheres negras combinarem com diversos cabelos, assim como, é lindo mostrar nossos traços, nossos traços indígenas, com nossos corpos pintados de Jenipapo e de Urucum, cobertos de sementes, penas e proteção.

Referências

Baniwa, Braulina. A Colonização sobre as mulheres indígenas: Reflexões sobre cuidado com o corpo. **Revista de Estudos em Relações Interétnicas** | Interethnica, n.1, v. 22, n. 1, p. 109–115, 2019.

Baniwa, Braulina. **Mulheres**: corpos-territórios indígenas em resistência!. Braulina Baniwa, Joziléia Kaingang, Giovana Mandulão. K. Schwingel (org). Fundação Luterana de Diaconia: Conselho de Missão entre Povos Indígenas, 2023.

Carneiro, Aparecida S. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. 2005. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educaçao. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005. 339 p.

Collins, Patricia H. **Pensamento Feminista negro**. São Paulo: Boi Tempo. 2019.

Curiel, Ochy. Construindo metodologias feministas a partir do feminismo decolonial. In: H. B. de Hollanda (Org). **Pensamento Feminista Hoje: Perspectivas Decoloniais.** (pp.123-145). Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

Gonzaga, Paula R. B. **"A gente é muito maior, a gente é um corpo coletivo"**: produções de si e de mundo a partir da ancestralidade, afetividade e intelectualidade de mulheres negras lésbicas e bissexuais. 2019. Tese (Doutorado em Psicologia) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019. 347 p.

Lorde, Audre. **Irmã Outsider**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2021.

[5] Patrícia Ramos é uma mulher negra, artista, apresentadora e empresária, veja o vídeo em: https://www.instagram.com/patriciaramos/?hl=pt

[6] Mari Wapichana é indígena Wapichana e Macuxi, ela é criadora de conteúdos para redes sociais, veja o vídeo em: https://www.instagram.com/mariwapichana/

Miñoso, Yuderkys E. Fazendo uma genealogia da crítica: o método rumo a uma crítica da colonialidade da razão feminista a partir da experiência histórica na América Latina. In: H. B. de Hollanda (Org). **Pensamento Feminista Hoje: Perspectivas Decoloniais** (pp.97-122). Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

Núñez, Geni D. L. **Nhande ayvu é da cor da terra**: perspectivas indígenas guarani sobre etnogenocídio, raça, etnia e branquitude. 2022. Tese (Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2022. 132 p.

Silva, Andreza C. C. **Memórias, cotidianos e histórias**: retalhos de identidades de mulheres negras em construção. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Faculdade de Psicologia, Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2019. , 132 p. https://tede.ufam.edu.br/handle/tede/7349

Souza, Neusa Santos. **Tornar-se Negro**: as vissicitudes da identidade do negro brasileiro em ascenção social. Edições Graal, 1983.

Strings, Sabrina. **Fearing the black body**: The racial origins of fat phobia. New York University Press, 2019.

Reis da Silva, Celia R. Beleza negra, orgulho crespo: no corpo (des) constrói-se a (in) diferença, o estigma. Projeto História: **Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, n.1, v. 56, 2016.